

Director, editor e proprietario
Antonino Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4513

Notícias de Guimarães

Composição e impressão:
A' Ex.ma
Sociedade Martins Sarmiento
Guimarães RA
— AVENÇA —

FUNDADO EM 1932

O SUFRÁGIO

Dissemos que a democracia, seja qual for a sua modalidade, se fundamenta, essencialmente, no sufrágio universal. Convém, antes de prosseguir nesta tentativa de divulgação popular de assuntos elementares de direito político, dar uma ideia do que seja o sufrágio na sua concepção teórica e realização prática no decorrer da história.

O sufrágio é o meio de que a democracia se socorre para conseguir a participação dos cidadãos na vida pública nacional.

É claro que o sufrágio se exerce através da mecânica eleitoral ou seja a da escolha da representação política da nação.

Entendem os partidários do sufrágio universal que o direito eleitoral deve ser concedido a todos os cidadãos possuidores de capacidade jurídica; Proudhon, o grande idealizador da paz entre o capital e o trabalho, proclamava que o direito de governo era um direito inerente ao indivíduo, e que, nascendo os homens livres e iguais, todos tinham o direito de concorrer para a formação do Estado, em todos havia a sua quota parte do poder soberano e que, portanto, na medida que a prática o permitisse, a todos cabia um mínimo de participação directa no governo nacional por meio da eleição. É nisto que consiste a noção do sufrágio universal, na sua forma radical.

Serve-lhe de fundamento a teoria do direito natural a que, para correcção de defeitos ou deficiências mais notáveis de justificação persuasiva, outros vieram depois, patrocinados por Stuart Mill, reforçá-la com a necessidade de pela generalização do voto se evitar a exploração entre classes, concedendo a todas, sem excepção, a função eleitoral a fim de impedir a qualquer delas a protecção egoísta dos seus interesses em prejuízo das restantes. E ainda, para melhor salientarem a utilidade desse sistema de sufrágio, argumentaram, sempre seguindo as doutrinas de Stuart Mill, com o grande impulso que resultava para a educação cívica do povo, do facto de ser constantemente convocado para a discussão dos negócios da vida pública em que tinha de ser instruído para expressar o seu voto.

Tem servido também de justificação para o sufrágio universal a circunstância de ser lógico e justo que, cumprindo a todos os cidadãos em geral a obediência a deveres fundamentais e necessários para a existência do Estado, lhes correspondam direitos políticos correlativos. Esta é a escola política do direito de voto, que se contrapõe à do direito natural já referida, (Proudhon), e à histórica, que atribui ao direito eleitoral uma função da evolução determinada e limitada pelo direito público. Foi esta a preferida entre nós por Marnoco e António Cândido, na esteira de Orlando, nos seus «Princípios de Direito Constitucional».

Para acudir aos inconvenientes práticos do sufrágio universal ou atender a opiniões divergentes, outros sistemas de eleição têm sido preconizados. Vamos referir-nos, o mais sucintamente que

nos seja possível, aos principais.

O sistema de eleição indirecta é um deles e consiste na eleição em dois graus: primeiramente os eleitores elegem os delegados que hão-de constituir um corpo eleitoral que, por sua vez, elegerá os representantes definitivos. É este o sistema adoptado nos Estados Unidos para a eleição do presidente da república.

Com tal modalidade pretende-se corrigir a eventual falta de capacidade do eleitor primário ou popular para a escolha do representante definitivo, que assim será suprida pela provável maior cultura dos delegados eleitorais intermediários.

Outro sistema tendente ao aperfeiçoamento do sufrágio universal é o do voto plural, em que todos os cidadãos têm um voto mas a alguns se reconhece o direito a mais um certo número de votos suplementares segundo a sua categoria, e que é fixado em atenção aos critérios da propriedade, instrução ou posição social. Este sistema, dizem os seus adversários, contraria profundamente os princípios da democracia, pela impossibilidade de se fixar uma bitola racional para a determinação de votos a atribuir a cada posição social.

Há também a considerar o sistema do voto múltiplo, que atribui ao eleitor um voto em cada circunscrição eleitoral onde possua propriedades, mas não deve ser confundido com o voto plural, apesar das afinidades que os aproximam quando este é sujeito ao critério da propriedade.

O sufrágio restrito constitui uma escola que o justifica com o fundamento de que não basta a capacidade jurídica para legitimar o gozo do direito eleitoral. E, dentro desta escola, uns pronunciam-se pela concessão do voto unicamente aos proprietários agrários, firmados em que é na terra que está a origem das riquezas, (Benjamin Constant); outros exigem nos eleitores uma determinada capacidade intelectual; e temos ainda os da escola histórica, (Marnoco e Orlando), que entendem dever ser, em princípio, reconhecido a todos os indivíduos o direito eleitoral, excluídas, por excepção, certas categorias de cidadãos, incompatíveis com a defesa do interesse superior do Estado organizado.

Segundo esta escola, o voto deixa de ser, como é no genuíno sufrágio universal, um direito natural do homem para se tornar num direito conexo com determinada forma de governo e apenas concedido de conformidade com os interesses do Estado.

Não merecem menção especial as restrições do direito eleitoral que respeitam à idade, nacionalidade, dignidade moral e domicílio; as relativas ao sexo estão hoje em vias de completa eliminação.

Seguir-se-ia agora uma exposição dos diversos sistemas que tendem a garantir a sinceridade da representação nacional; mas fica isso para outro artigo.

Se é bem formado, de alma e coração, ajude a ser também aqueles que o não são, tornando-se sócio da Sociedade Protectora dos Animais.

SÃO TORQUATO

Num gozo d'alma insaciada, eu vejo
Teu rosto d'anjo a rescender candura,
Qual 'strela d'alva abrindo-se em lampejo,
Num arrebol de mágica doçura!

O gládio sarraceno e a amargura
Virão depor em Tua face o beijo
Tornado selo d'oiro que perdura! . . .
— Colar de sangue em célico desejo!

Por um impulso enternecido e grato,
Marcando a data d'um feliz evento,
Deram-me os Pais o nome de TORQUATO!

E, desde então, em novo antifonário,
Eu trago em mim um poema terno e lento,
A surdinar pla senda do Calvário!

Julho de 1954.

TORQUATO MENDES SIMÕES.

ENSINO TÉCNICO

Quem tiver acompanhado a evolução do Ensino Técnico em todos os aspectos da sua finalidade e da sua eficiência no desenvolvimento e no aperfeiçoamento de diferentes Artes e Ofícios, com certeza que terá notado o grau de prosperidade que ao mesmo tempo aqueles países — Europeus e não Europeus — onde a sua acção representa um importante factor económico.

De facto, trata-se de um ramo de Ensino público que combate a cristalização da iniciativa criadora e renovadora, assim como a escravidão da Oficina, abrindo, desse modo, novos horizontes à técnica profissional e, portanto, criando e estimulando técnicos responsáveis e competentes, valorizando o seu trabalho, seja qual for a actividade em que esses conhecimentos se manifestem.

Por que assim acontece, não é de estranhar que a sua expansão se torne cada vez maior e que os seus resultados se tornem cada vez mais expressivos e mais integrados no labor regional onde funcionam Escolas dessa natureza. Em Portugal, não obstante esse Ensino ter sido instituído há muitas dezenas de anos, a sua evolução tem sido muito lenta e a compreensão da sua indiscutível utilidade tem sido renegada, por parte de muitos que a deviam acarinharem, para plano secundário, preferindo a ignorância

à competência e o retrocesso ao progresso. Infelizmente, é isso o que se tem verificado em algumas localidades onde existem essas Escolas, razão por que nem os próprios interessados lhes têm dispensado o seu concurso no sentido de contribuirem para o seu engrandecimento.

Em Guimarães — com mágoa o dizemos — também há quem assim proceda e embora se trate de uma negligência parcial, o certo é que nem essa deveria subsistir perante o dilema «A bem da Nação». No entanto, todos os Vimaraneses conscientes, empreendedores e bairristas mostram os seus desejos de possuírem uma Escola Técnica tão modelar quanto possível, pois só assim a sua existência poderá corresponder às necessidades deste populoso concelho no que diz respeito ao grau de quantidade e de variedade das suas indústrias, assim como do seu comércio.

É de crer que, devido ao interesse do Governo da Nação em aumentar o número de Escolas Técnicas e em melhorar outras, como ainda recentemente o declarou Sua Ex.^a o Senhor Ministro da Educação Nacional, venha a ser feita a Guimarães a devida justiça, colocando a Escola Técnica em condições que não inferiorizem a categoria desta terra. A par da criação do Curso Geral de Comércio, que já foi solicitado pela Câmara Municipal, nos termos do Estatuto do Ensino Técnico Profissional, e o qual, possivelmente, já deverá funcionar no próximo ano lectivo, com grandes e valiosas vantagens para os alunos que obtiverem o respectivo diploma, torna-se necessário rever e melhorar a organização dos Cursos industriais, como complemento de uma aprendizagem com as características inerentes às actividades regionais.

De resto, estas considerações não querem significar que seja inútil o que já existe, mas apenas pretendemos justificar a necessidade de se dar a Guimarães o que não tem sido negado a outras povoações quanto à valorização do Ensino Técnico Profissional.

Além disso, Guimarães só pede o que merece.

V. C. A.

TRISTEZAS DA NOSSA TERRA

A igreja da Oliveira, tal como está, é um monumento sem estilo, sem época, sem idade.

O Passado, é coisa que não está ali. Não se vê, não se sente. O remoto, o antigo, não falam nas suas arcadas de taipa.

Se alguém ali se refere à história do culto de Santa Maria de Guimarães, não logra fazer-se acreditar. Se alguém tenta recordar a grandeza da vetusta instituição canonical, corre o risco de se não fazer compreender.

A presença do Passado é ali um mito. É uma lenda mentirosa. Tudo quanto ali se diga do milagre de Aljubarrota, de D. João I, da romagem dos medievais, da «Oliveira dos milagres», da grandeza litúrgica da Colegiada «insigne e real», tudo parecerá vazio de sentido.

As palavras que a respeito do monumento e da sua história se pronunciam ali dentro, soam a falso. Entrar no templo e ver o que o barbaresco gosto de uns senhores cónegos do século XVIII ali mandaram fazer, é sentir a amargura da nossa insensibilidade, da nossa impotência, da nossa desvergonha!

Sim, aquilo, tal como está, compromete-nos!
Tratando-se de um monu-

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Regressou da sua triunfal viagem às nossas Colónias o Senhor General Craveiro Lopes, Presidente da República Portuguesa, que foi aclamado, durante algumas semanas, pelos nossos compatriotas de além-mar e que recebeu agora, no seu regresso à Capital do Império, as saudações dos portugueses que seguiram com verdadeiro interesse aquela memorável viagem de soberania.

Notícias de Guimarães saudam a S. Excelência e congratula-se pelo seu regresso após tão grandiosa jornada.

Fogueiras da nossa graça...

Quadras Sanjoaninas

As trovas, no S. João, são as contas dum rosário onde a vida, em devoção, vai cantando o seu fadário.

Vai toda a minha ternura no papel em que te escrevo: — Quatro folhas de ventura, como as folhinhas do trevo!

Tão pequeno sendo o trevo, quatro folhinhas somente, nele sonha, em doce enlevo, o Sonho de toda a gente...

Trevo da sorte, ele alcança a ventura apetecida?... — A viver, nessa esperança, vamos nós perdendo a vida!...

Lá vai na rusga, coitada, cheia de amor e de graça, feliz por ir abraçada à cruz da sua desgraça!...

Fogueiras de alegre chama, em risos de oiro, a fulgir... — Triste sina, a de quem ama as mágoas que estão p'ra vir!...

Não foi por ir p'ra fogueira, que caíste em tentação: — Tu ardeste na fogueira do teu próprio coração...

Para quê, a Chama viva, se outra, mais doce, me falta: — Teu olhar é Luz votiva, ardendo em graça mais alta!...

SALVADOR DANTAS.

mento que devia ser um documento vivo da nossa projecta história cívica e religiosa — pois que ali Guimarães começou —, ao contrário disso, tal monumento é antes um testemunho colectivo do nosso desvalimento e relaxação.

Quem, pois, ali vá ciceronar alguém com um propósito turístico, para mostrar e explicar, há-de por força, sendo inteligente, sentir que as suas palavras soam a oco, não formam sentido. Falta-lhes ambiência histórica. Naquele incharacterístico apanelamento de arcadas a fingir mármore, com paredes rebocadas a estuque, toda a sua história se apaga.

Culpa da estupidez dos outros?

Na verdade, já não podemos encostar-nos, em desculpas, ao mal-feito das gerações passadas. A nossa geração, que é portadora de uma receptividade sensoria mais delicada sob o ponto de vista estético, a ela cumpre desfazer o que está mal e nos compromete.

Por que o não temos feito? Pois não vem o Estado, pela sua boa capacidade administrativa, reparando e restaurando os monumentos nacionais?

Se não falta ao templo da Oliveira a classificação de «monumento nacional», por que não alcançamos valimento para levarmos junto do Governo da Nação o nosso apelo?

Festejamos há pouco o Milenário de Guimarães. Por tal motivo, fomos levados a pôr em destaque as raízes da nossa existência cívica. Elas promanam dali, do lugar onde se ergueu, por voto de Fé, no século X, o Mosteiro de Madona.

Por que não havíamos de, em tal momento, em momento tão solene, tomar o decisivo propósito de não largar mão do restauro da Oliveira?

Não se trata, apenas, — meditemos nisto — de amparar uma igreja que está no usufruto dos católicos vimaranenses. Mais que isso, trata-se de um monumento nacional, — um monumento que tem para nós a particular circunstância de ser a pedra angular da existência populacional do burgo de Vimaranes.

Cumpre-nos, pois, a todos, católicos ou acatólicos, velar pela conservação da vetusta relíquia, reintegrando-a na crista primitiva.

A pedra de que foi feita a igreja veneranda, está impiedosamente entaipada. O gótico da sua arquitectura não se vê. A obra do mestre To-

A Romaria Grande de S. TORCATO

está a decorrer

Conforme o programa que publicámos, na íntegra, está a decorrer, desde ontem, a Romaria Grande de S. Torcato, sendo hoje o dia das principais solenidades, de que fazem parte uma peregrinação, que sairá do templo de N. S.^a da Oliveira, desta cidade, às 9 horas, com a nova imagem do Imaculado Coração de Maria; Missa solene, Procição, Arraial e, pela primeira vez, a representação do Auto de S. Torcato, escrito proposadamente para a Festa, pelo Poeta Francisco Ventura, de Lisboa.

Como nos anos anteriores, a Romaria de S. Torcato deve registar a afluência de milhares de fogueiristas.

ASPECTOS DO REGIMENTO 20 HÁ 50 ANOS

O serviço diário começava com o toque de Alvorada, toque este bem conhecido e parece ser comum a todos os exércitos do Mundo.

Neste tempo de verão, começava a pintar-se o céu, e no inverno ainda noite fechada, o corneteiro da guarda no largo fronteiro ao quartel soltava aquela melodia, que era como que o despertador dos bairros ali em volta.

Naquele tempo em que as noites se passavam tranquilamente sem estes ruídos enervantes da apressada vida de agora, o toque de alvorada ouvia-se longe, talvez chegasse ao Tournal, tanta era a paz de do sono da cidade.

Havia verdadeiros artistas que davam sentimento àquela expressiva música, prolongando as frases musicais, burilando-as e lançando no espaço como uma mensagem de um dia glorioso à população admirada, isto nos dias que se anunciavam de boa feição.

Também nos dias chuvosos e frios engrolavam o toque, uns compassos atrás dos outros, como de mau humor e transidos de frio.

Nos dias de grande gala a alvorada, João Garcia, não se loabrina. E, contudo, ainda em boa parte existe. A sua existência, requer de nós que a ponhamos a descoberto.

Enquanto o não fizermos, fujamos de mostrar a igreja. Aquilo, tal como está, não se mostra. Deve ocultar-se. É uma vergonha!

Na manifesta impossibilidade em soerguer a traça do Mosteiro do século X, de Mumadona, ao menos saibamos reencontrar por detrás dos apainelados fingidos, esse outro templo que D. João I mandou erguer à memória da Vitória de Aljubarrota.

Não se dirá na repartição oficial, que se ignora como foi, como era esse tempo joanino. Não se caminhará, no restauro, às apalpadelas. Já aqui, a traços ligeiros, foi lembrada a gótica arquitectura. Alexandre Herculano o disse.

Para mais, a sua frontaria é hoje assunto estudado. António de Azevedo, escultor insigne, tem um estudo sobre a matéria.

Por que não havemos de unir esforços no sentido de estabelecer uma campanha do ressurgimento do templo Augusto?

Se os vimeiranos do passado deixaram estragar o templo Quatrocentista, sejam os vimeiranos de hoje quem os desaparecesse opróbrio.

Pesa sobre os governantes locais — daqueles que seguram em suas mãos o ceptro do mando —, a grande responsabilidade do seu encolher de ombros nesta matéria.

Pois o que se há feito, até hoje, em prol do restauro deste templo?

Os vagos, os frouxos, os minguidos pedidos que hajam sido feitos, não bastam. Caem por terra.

Digo mais: pela imperícia como não sido feitos, chegam a não ser tomados em conta. Botam-os ao cesto dos papéis, se são escritos; fazem-lhe ouvidos de mercador, se são falados.

Escrevo este arrazoado, depois de ler a notícia da visita do Senhor Nuncio Apostólico à Igreja de Oliveira.

E penso: o que lhe podiam ter dito os Rev.^{mos} Bispos de Angra e da Guarda — este último muito ilustre contrerâneo —, que acompanharam o alto purpurado da Igreja na visita à Oliveira?...

Tristeza da nossa terra! Em tais situações, a Fatalidade abre as suas asas.

Uma sombra de tristeza, misto de vergonha, invade a nossa alma de vimeirano. Só em pensar, em cogitar estas coisas, eu encolho-me, tapo a cara, e digo:

Guimarães não merecia este e outros castigos que lhe estão infligindo!

A. L. DE CARVALHO.

Quimeras

Prezados leitores, aceitem em primeiro lugar os cumprimentos sinceros dum amigo que pretende, além do mais, proporcionar, através das colunas deste conceituado jornal, uns momentos de distração.

Divagar é fácil, basta que num daqueles momentos em que o nosso espírito parece atraído por qualquer coisa que não sabemos definir, nos deixemos transportar em extase pelo infinito, por este mundo além, fugindo de todos os rumores que assiduamente fazem passar seus ecos estonteantes pelos nossos tímpanos, e então, encontrar-nos-emos como por encanto defronte dos mais belos e paradisíacos recantos da Natureza.

Convidados uma vez pela Natureza a deliciar nossos olhos, caminhamos através dos montes verdejantes e floridos, subindo aqui e ali extasiados pela policromia dos seus encantos e deparando a cada momento com formas bizarras de árvores gigantescas que nos querem presentear com os seus aromas divinos expelidos ao menor sopro da brisa.

Mais além ouvimos o murmúrio das águas espelhantes dum ribeiro, que fazem reflectir na sua alvura o azul dum céu esplendoroso.

Sem darmos por isso e animados por um sentimento espontâneo, continuamos absortos com os encantos prodigiosos que nos proporciona o nosso Minho, berço de inspiração de poetas e escritores.

Não há, prezados leitores, para distrair o nosso espírito, saturado por uma semana consecutiva de trabalho por vezes exaustivo, como uma passeata através dos campos e montes, já que a nós, refiro-me a aqueles de modestos recursos, não nos é possível e isso seria bem justo, passar uma quinzena à beira-mar.

Entrando-se agora na quadra em que as entidades patronais costumam proporcionar as férias ao seu pessoal, é penoso que alguns, senão a maior parte, não possam oferecer ao seu espírito umas férias reconfortantes, à semelhança do que acontece em vários países e até já no nosso, embora em diminuta escala.

Felizmente, não há regra sem excepção e portanto existem já aqueles, e porisso justiça lhes seja feita, que sem se subordinarem a preconceitos ou a interesses de qualquer espécie, proporcionam aos seus colaboradores uma vida mais feliz que lhes permite até encarar o futuro com maior confiança.

Jesus Cristo, filho de Deus sofreu para nos salvar, barbaridades sem conta e francamente, é de lamentar que após dois mil anos a evolução do espírito não tivesse atingido aquela perfeição que ele preconizou.

Falemos precisamente da sua doutrina, das razões que a antecederam e das consequências que trouxe. Eis o que nos interessa agora...

Diz H. G. Welles, na obra que o immortalizou, e eu concordo com ele: «A doutrina do Reino dos Céus, que formava o fundamento do ensino de Jesus, é decerto, uma das doutrinas mais revolucionárias que despertaram e transformaram o pensamento humano, sendo natural que o mundo desse tempo, não tenha podido aprender toda a sua profunda significação, e haja re-

MÚSICA

RECITAL

Eurico Thomaz de Lima

Como noticiamos, é na próxima sexta-feira, 9 de Julho, que o pianista-compositor Eurico Thomaz de Lima, realiza o seu recital, no Salão de Festas do Teatro Jordão, com o começo marcado para as 21,45 horas.

O programa é o seguinte:

- 1.ª parte: «Pavillon» Op. 2, de Schumann; «Improvis» Op. 142, n.º 2, de Schubert; «Polaca» em Dó menor, Op. 40, n.º 2, de Chopin.
- 2.ª parte: «4.ª Sonata» em Fá Maior, de Eurico Thomaz de Lima.
- 3.ª parte: «Schergo-Valsa» de Chabrier; «Dança Negra» n.º 2 (Verde) e «Duas Mornas» (Cabo Verde) de Eurico Thomaz de Lima; «Polichinelozinhos» de Barrozo Netto; «Estudo de Concerto» de António Rubinstein.

vejo que eles praticarem do que se pode chamar — desporto.

Nos dias de grande gala só diferecia por ser acompanhada de música, que executava, depois do Hino Nacional, uma valsa à porta do Hotel.

Como naquele tempo não havia cinema e o teatro só lá de longe a longe é que se abria, tinha assim a população uma norma de vida mais regrada e marcada por estas duas actividades militares.

Ouvia-se por aqui, e por ali: «Deixa-me ir à ceia, que já passou o «recolher».

Juqueiras — Felgueiras, Junho de 1964.

A. DE QUADROS FLORES.

Cantinho de... graça

O 28

Ele tinha uma cara engraçada, boinchodito — corado — nariz arrebitado e quando se ria via-se a falha de dois dentes que o tornava mais engraçado. Chamavam-lhe o «Finguilhas». Criado ao Deus dará, lá andava pela aldeia ora numa monda, na saca, ou ainda nas vindimas. Chegou o dia de ir para a tropa e lá abalou com os seus. Ali perdeu um pouco aquele sorriso e atrapalhou-se com tudo. Tem sido um sarilho para lhe ensinarem a recruta.

Há dias o sargento, num exercício, ao vê-lo trepar um muro observou-lhe:

— O' 28, não saltes assim, podes partir uma tibia. — A propósito: Tu sabes o que é a tibia?

— Tibia?

— O 28 sorriu, olhou para o sargento e responde:

— Tibia? — tibia... é assim a modos duma coisa c'a gente já teve e agora n'um tem.

Foi o bom e o bonito para o tenente lhe ensinar a dizer cartucho. Não havia forma.

— Cartucho — dizia o tenente.

— Cachuto — dizia o 28.

— Homem, diz lá: Car-tu-cho.

E o 28, com os beiços muito estendidos, continuava a dizer:

— Ca... chu... to.

— Cartucho, rapaz! olha que é cartucho — irra!

O tenente já suava e calhou de passar ali um dos sargentos da instrução. Chamou-o e ordenou:

— Leve este recruta ali para o lado e não o largue enquanto ele não aprender a dizer a palavra cartucho. Está com a mania do cachuto e não há meio de dizer outra coisa.

O sargento olhou para o soldado — piscou o olho — perflou-se, fez a continência ao tenente e diz:

— Pode V. S.ª ficar sossegado que eu tomo conta disto e é um instantinho. Comigo é limpinho.

Lá continuou a instrução à recruta, os quais estavam dispersos pela parada em pequenos grupos.

Passado um grande pedaço aparece junto do tenente o sargento. A baretina ao lado, deixando sair uma melena de cabelo — olhos abogalhados — demastadamente abertos — congestionadíssimo e fazendo a continência — diz com voz caçada, roufenha, muito rouco:

— Pronto, meu tenente. — O 28 já diz cachuto.

Aijá Zus!

cuado de medo perante o desafio lançado por tal doutrina às instituições reconhecidas e aos costumes estabelecidos».

Realmente a doutrina de Cristo exigia da raça humana uma imediata e radical mudança de vida, uma profunda modificação na forma de ser e de agir, um renascimento completo de pensamento, o que, com água é dito, não se verificou com aquela amplitude prevista.

Mas, deixemos para trás estes defeitos humanos e voltemos ao sonho, dádiva que podemos adquirir com relativa facilidade.

Sonhemos portanto uma vida à espera dum momento em que a sorte nos lance numa posição mais estável, pois acima de tudo há que ter confiança.

Confieamos numa força rejuvenescedora de virtudes, que finalmente há-de surgir.

AUFERAL.

NO MEU CANTINHO

Terça-feira, 29.
Achel tanto que ler no Jornal do Antonino!

Agarrei-me à Formosa Crítica do «Magnífico Concerto» dado, recentemente, no Teatro Jordão.

Nem Sá Tinoco me agradaria mais.

Uma Crítica cheinha!

Sou sempre coca-bichinhos! O meu Elísio não roubaria um A, logo à frente das belas Trovas Joaninas?

O meu ouvido, rombo, diz que sim.

Merecia bem ser transcrito o soneto «São Torquato» da autoria do Poeta que se assina Mendes Simões.

Vem no Mensário S. Torcato.

GERESINO.

LABOR Carta a uma Senhora

Publicamos, hoje, a oração do nosso ilustre colaborador sr. A. L. de Carvalho, em conclusão dos números anteriores.

Se as pequenas indústrias tivessem vindo ao certame, estaria muito a-proósito fazer desenrolar uma procissão de Corpus Christi à séc. XVI; as cruces e os guídes das artes e ofícios com suas respectivas irmandades, suas danças, suas folias, seus cantares; o que seria um grande e pictórico quadro a mostrar-nos o velho artesanato, seu carácter, suas tendências, seus costumes.

Se os pequenos industriais enfileirassem a par das mais modernas organizações fabris, subjectivamente ressaltariam contrastes, não só de ordem etnográfica e económica, como até de ordem social. Ver-se-ia então, em foco, um Municipalismo puro, onde tinham assento dois mestres dos ofícios para requererem, em nome do Povo, e, simultaneamente, fiscalizarem a governança.

Razão por que eu digo: foi pena que não viessem todos, pois que de uma quermesse sugestiva, de uma Festa de Trabalho se tratava — tão bela como útil, tão grande como impressionante.

Antes, porém, de sairmos a porta da Exposição e se desfaça esta cenografia que o esplendor das gambiarras eléctricas ilumina, antes que o nosso entusiasmo feneça e deixe que a douta crítica, de olhar sereno, diga aos que atrás de nós vierem o que foi a Exposição, quis eu fazer esta despedida de saudade — saudade pelo que fomos, e certeza pelo que ainda continuamos sendo nos mesmos dominios do trabalho.

Basta fixar nossa atenção ao rumor dessas maquinas cirandeiras que a cerralaria mecânica trouxe à Exposição, produto do seu engenho, da sua técnica, e significativa prova de quanto é capaz esta indústria de máquinas e acessórios em nossa terra.

Pode notar-se que eu não aluda à secção do certame agrícola. Contudo, compreende a minha percepção o muito que vale na economia portuguesa o trabalho agrícola. Somente, pelas contingências de atrasamento que sofreu toda a Exposição, muito se ressentira desse atraso a galeria da lavoura.

O que resta agora? O Relatório da Exposição.

Tudo na vida dos nossos dias vai mudando. E na vertigem se transforma. No domínio industrial, a Máquina é a grande transformadora.

Ainda o industrial mais actualizado não começou a colher os efeitos de uma reforma, e já nova invenção o sacode. Assim, nervoticamente, aos sacolões, é obrigado a caminhar. A concorrência é o seu imperativo de comando.

No panorama económico, político e social, a Máquina parece querer ser o cérebro dirigente. Tudo por mal dos nossos pecados... de civilização, parece tangido por um pensamento tecnocrático.

A Sociologia — ciência de governar os povos — não querendo subalternizar-se à Máquina, tornou-se sua aliada. Em mal disfarçada aparência de liberdade, vivemos, politicamente, em experiências de uma economia dirigida. No subsolo rangem as traves mestras da velha e sempre renovada «questão social».

Para onde caminhamos? Sabe-se lá! O que de positivo se sabe — di-lo eloquentemente esta Exposição — é que Guimarães luta, quanto pode, por não perder a sua

Minha Senhora

O assunto desta carta, aliás palpitante e oportuno, resume-se no seguinte:

Há dias, encontrei duas pequenas, irmãs gêmeas, que pediam para a «cascatinha». Como não é do meu agrado ver crianças a pedir, aconselhei-as a que não o fizessem e perguntei-lhes para que queriam o dinheiro que conseguiam a pretexto da «cascatinha». Então, uma delas, com voz um pouco trémula, mas mais desmoeçada do que a outra, respondeu-me: «E' que nós já não temos Mãe e o nosso Pai deu-nos uma pombinha para brincar conosco e agora queremos arranjar dinheiro para lhe comprar uma gaiola muito bonita».

Como eu lhes dissesse que desejava ver a pombinha, no mesmo dia me apareceram com ela, esvoaçando de uma para outra, embora se encontrasse em plena liberdade. Como é de calcular, fiquei edificadíssimo com aquele cenário e mais uma vez me revoltei contra a barbaridade dos torneios de tiro aos pombos.

E por hoje, minha Senhora, não vou além desta pequenina narração acerca de duas gêmeas e de uma pombinha que deixaram gravado no meu coração e no meu espírito o sentimento de afectuosidade entre seres racionais e irracionais. Que pena os matadores profissionais de pombas não presenciassem este comvente espectáculo!

De V. Ex.^a
cd.º ven.º e ob.º

Junho de 1964 X.

Exposição de Trabalhos

A partir de amanhã, 5, e até ao dia 20, estarão em exposição na nossa Escola Industrial e Comercial os trabalhos dos vários cursos, compreendendo o ciclo preparatório, cursos do Comércio, Tecelagem e Serralharia.

velha posição de prestígio adentro da economia industrial portuguesa.

Vou terminar.

Com tanto acerto e oportunidade teve lugar esta Exposição, que nem sequer lhe faltou a presença do Chefe do Estado. Sua vinda até nós significou muito. Mais ainda, pela expressiva mensagem que Guimarães lhe inspirou e mereceu.

O Milénio vimeirano transformou-se em Milénio nacional.

E' ver: Com o primeiro representante da Nação, vieram alguns dos seus Ministros. E para que mais avultasse a ideia nacional, também vieram os Municípios portugueses. Este facto, por si, alcançou foros de beleza e grandeza cívica!

Os Municípios, formando a estrutura administrativa da Nação, representam, num perfeito sentido democrático, as células vivas de toda a governança pública. Por isso mesmo podemos afirmar — que o Milénio de Guimarães foi um Milénio da Pátria!

Tudo quanto fizemos nesta hora grande da nossa vida local com a ajuda prestimosa da Associação Industrial Portuguesa, esteve à altura de um acontecimento nacional.

E para que nada faltasse à apoteótica grandeza deste acontecimento, igualmente aqui viera a excelsa figura da Igreja, o Eminentíssimo Cardeal Gonçalves Cerejeira. E' que Santa Maria de Guimarães domina e refulge no Braço do Concelho. O idealismo e o heroísmo dos precursores da Pátria brotaram da ascense religiosa nascida no mosteiro de Mumadona.

Foi a cúpula da celebração Milenária.

Encerra-se a Exposição. Que do seu significado se extrai, em germinal de esperança, este pensamento: Guimarães, Berço da Nação, tem que viver, lutar para mais vida, mais futuro!

Vibre, pois, em nossos corações, este brado eterno e sentido:

— Viva Guimarães!

ALUGA-SE ou VENDE-SE 2 casas pequenas e a propriedade de S. Roque, junto à capela, em Guimarães. Falar na mesma.

Dos Livros

E a Charneca Sorriu... — de Isaura Correia Santos.

Ao lermos, há tempos, certa referência a este romance de Isaura Correia Santos, arraigou-se nos no espírito a certeza de que existe um problema de crítica em Portugal. Não porque a alusão a «E a charneca sorriu...» houvesse sido desprimorosa para uma obra que define, de maneira categórica, uma inequívoca objectividade social e um sentido invulgar do complexo humano e psicológico, em manifestações várias na vida dos seus personagens. Mas porque foi insuficiente — insuficiência que nos parece não corresponder sequer a uma análise superficial.

O autor de uma obra, boa ou medíocre, consoante possam ou saibam senti-la os críticos, adquire o direito, ao ofertá-la, de sobre a mesma lhe fazerem os juízos que o critério equilibrado e a sensibilidade estética determinam. O facto revela uma prova de confiança na cultura de quem deve julgar — e há que ponderar esta circunstância com honestidade.

Isto é uma opinião sobre o conceito da crítica, ligado à responsabilidade intelectual de quem a exerce e que reconhecemos paralelo aos próprios sentimentos morais — na obrigação profissional ou no mero dilettantismo.

A crítica tem uma função superior, específica, difícil talvez, mas nunca impossível de corresponder a propósitos de verdade, de justiça e de elevação intelectual, procurando honestamente, como nos dizia alguém evocando o pensamento de um escritor, «alumiar e não queimar».

Ainda há pouco nos foi dado ler, num brilhante quinzenário que começou a publicar-se na capital, «que nas suas colunas não haverá crítica a livros — porque a crítica causa, por vezes, aborrecimentos». Far-se-á uma simples súmula sobre a generalidade dos temas... e nada mais.

Conclui-se que existe um problema de crítica, que nos parece não encontrar solução adequada nas doudas sentenças que irradiam de certos sectores privilegiados, ao pretenderem exibir o exclusivismo da intelexualidade portuguesa...

Favorável ou desfavorável, a crítica tem sempre papel de relevo — e no equilíbrio dos juízos, no critério das opiniões, na calma da reflexão e do estudo, no reparo feito sem má-vontade ou derrotismo, residem os seus objectivos essenciais de dignificação intelectual e de prestígio literário.

O romance de Isaura Correia Santos «E a charneca sorriu...» — como sucede com a sua obra anterior «Eu e meu filho» — responde a uma literatura séria e construtiva, se atendermos ao conceito indiscutível de que ela tem de traduzir as ansiedades de um povo, as suas amarguras, as suas grandezas, a sua alma e, sobretudo, os problemas que se agitam no seu destino e na sua vida. Todos os seus problemas.

E' o romance — e este pormenor não nos passa despercebido — duma Escritora que deixa bem vindada nas páginas das suas obras a sua maneira inconfundível de ver, de sentir, de amar, de compreender, de sofrer e de transmitir. Há Verdade, portanto, neste seu novo livro, que tem uma fonte perene de beleza e inspiração no drama e na luta corajosa, na vida sublime e amarga, nobre e esforçada dos humildes que amanhã a dura terra alentejana, — canseiras, sonhos e desejos em amálgama.

João Miguel e Manuela são os personagens principais de «E a charneca sorriu...», ambos inebriados de ideal, de sonho e amor. João Miguel, ao melhor das condições do pessoal numeroso que trabalha as suas terras vastas e tornando essa gente rústica herdeira da grande Casa Agrícola de que é proprietário — e Manuela, no «mistério» da sua missão de arquitecta, construindo bairros para pobres e inspirando realizações de carácter social ao seu apaixonado, completam-se no mesmo sublime ideal.

O regionalismo, como tema, supera-se em «nuances» várias, e Manuela assemelha-se, sob certo

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 5, o sr. Abílio de Carvalho Melo e as meninas Laura Maria, filha do nosso bom amigo sr. Pedro Nunes de Freitas, e Emilia, filha do nosso bom amigo sr. Alberto Augusto Pinheiro; no dia 6, a menina Maria Albertina de Carvalho Melo, o sr. Júlio Ribeiro da Silva, sogro do sr. Amadeu Soares Portilha, e o nosso amigo sr. Carlos da Silva Bastos; no dia 8, os nossos prezados amigos srs. Manuel Soares Moreira Guimarães e Adelino Ferreira Manso, das Taipas, e mademoiselle Teresa de Jesus da Costa Ferreira; no dia 9, os nossos prezados amigos srs. António Urgezes dos Santos Simões e Augusto Mendes e a sr.ª D. Luisa Alves de Abreu Ferreira, esposa do nosso bom amigo sr. Manuel José Ferreira Júnior; no dia 10, a sr.ª D. Rosa de Jesus Gonçalves Guimarães e o menino Antero Rodrigues de Freitas, nosso simpático amiguinho e Madame Jeanne Albertine Souchois Felgueiras, esposa do nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. dr. Mariano Felgueiras;

Vida Rotária

Na reunião de quarta-feira do Rotary Clube de Guimarães, a que presidiu o sr. Leandro Martins Ribeiro, secretariado pelo sr. António Augusto Almeida Ferreira Júnior, foram tratados diversos assuntos e tomado conhecimento de volumoso expediente.

No decorrer da reunião fizeram uso da palavra os srs. António de Sousa Lima, José Machado Teixeira, António Ribeiro Ferreira Caldas, Albano Coelho de Lima, etc., tendo-se feito a habitual que, que rendeu 112\$50.

A próxima reunião ficou marcada para o dia 14 do corrente.

NOITE RITMO

Promovida pelo grupo «Ritmo Louco» realizou-se ontem à noite, nos jardins do Palacete de Vila-Flor, uma interessante festa que ali reuniu numerosas famílias.

aspecto, a uma personagem de Anne Brontë, numa das suas obras mais famosas, resistindo corajosamente, no segredo do seu drama de Mulher — não indiferente às sollicitações do coração e aos seus arroubos de amor — às aleviosas do mundo velhaco...

De entre outros personagens, sobressai John Ross, apesar do manto de mistério que o envolve. A sua idealização filantrópica, que Manuela realiza, é uma idealização de resgate, que pode ser uma lição magnífica para tantos que se fizeram ricos, como já escrevia Eça, à custa de centos de desgraçados, de miseráveis.

A autora estruturou, com segurança absoluta, os diálogos — dando, por vezes e sem exageros, emoção à história de João Miguel e de Manuela. Todos os personagens se movimentam com naturalidade, arredados de situações artificiais — e o desenho dos seus caracteres, o complexo dos seus sentimentos, a singularidade das suas reacções, as suas virtudes e as suas paixões, garantem-nos as possibilidades psicológicas de Isaura Correia Santos e — o que é de distinguir — o sentido profundo e humano das suas obras, que deriva da realidade inconcussa da vida.

Cremos ser isto o que interessa, sobretudo, a uma literatura séria, feita de verdades e isenta de artificialismos e de propósitos convencionais.

S. M.

Nota — Far-se-á referência a todas as obras de que nos forem enviados dois exemplares.

no dia 11, a sr.ª D. Maria Adélia Vilaça Ferreira, filha do nosso prezado amigo sr. Manuel Artur Gonçalves Ferreira, residente no Porto.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

CASAMENTOS

No dia 30 de Junho, pelas 12 horas e na Capela do Solar do Portelo, propriedade dos pais da noiva, em Palmeira, Braga, realizou-se com grande pompa, o casamento da sr.ª D. Maria Fernanda de Amorim Rebelo Teixeira de Andrade e Castro Correia, filha da sr.ª D. Maria de Assunção de Amorim Rebelo Teixeira de Andrade e Castro Correia e do sr. dr. Augusto Luís Brandão Correia, com o sr. José Angelo Folhadela de Melo, filho da sr.ª D. Maria Emilia Folhadela Marques de Melo e do importante industrial em Ronfe, sr. António Teixeira de Melo.

Foram padrinhos os pais dos nubentes. Presidiu à cerimónia religiosa o Rev. Cônego Apolinário, acolitado pelo rev. pároco da freguesia de Palmeira. O celebrante proferiu, na altura própria, uma eloquente alocução alusiva ao acto, tendo-se feito ouvir durante a cerimónia um primoroso Grupo Coral sob a regência do maestro P.º Alberto Braz, num bellissimo programma.

Foi portadora das alianças a menina Maria Isabel e foram caudatários os meninos Augusto, José António e Manuel, sobrinhos dos noivos; as meninas Ana Rita e Maria José Folhadela Barbosa e os meninos José Moreira da Cunha Guimarães e Manuel João Melo da Costa Guimarães.

Serviram de Damas de Honra as meninas Maria Virginia e Maria Eugénia, irmãs da noiva, e as amigas Olivia Dulce Malheiro, Maria Angelina e Maria Dulce Dias e Maria Beatriz Teixeira de Melo.

Assistiram ao casamento à volta de 120 pessoas (irmãos, avós, tios, primos e amigos íntimos dos noivos), prolongando-se a festa até perto da meia noite.

E' de notar a presença das três avós dos noivos com avançada idade: a avó materna da noiva a sr.ª D. Maria da Conceição de Amorim Rebelo Teixeira de Andrade e Castro Correia, as avós do noivo D. Camila da Silva Freitas de Melo e D. Elisa Folhadela Marques, o que deu à festa uma nota de ternura e satisfação dos presentes.

Na residência dos pais da noiva foi oferecido um primoroso serviço, durante o qual foram proferidos numerosos brindes de felicitações destacando as qualidades dos noivos e de agradecimento aos donos da casa pelo acolhimento magnifico com que distinguiram os convidados.

O casamento foi filmado por uma casa especializada desde o início das cerimónias religiosas até à partida dos noivos para a lua de mel. Os noivos seguiram para o estrangeiro. Desejamos-lhes as maiores felicidades.

S. Martinho do Campo 22-6-954 — Realizou-se no pretérito dia 19 do corrente, na freguesia de S. Martinho do Campo, o enlace matrimonial da menina Maria Manuela da Silva Machado Moura, filha do industrial sr. Abílio Gomes de Moura e de sua esposa sr.ª D. Ana Machado da Silva, com o sr. José de Freitas Pimenta Machado, filho primogénito do abastado proprietário em Negrelos, sr. Joaquim Pimenta Machado e de sua esposa sr.ª D. Deolinda Antunes Leal de Freitas Pimenta.

Foi celebrante o rev. pároco de S. Martinho do Campo, que fez uma breve e eloquente prática alusiva ao acto, seguindo-se a missa rezada por um monge beneditino de Singeverga e durante o qual um grupo coral entouo diversos cânticos religiosos.

Foram padrinhos, por parte da noiva, sua tia D. Francisca Machado da Silva e seu padrinho o sr. Manuel Gomes de Moura, e por parte do noivo, seus tios, a sr.ª D. Ana Mendes Fernandes Pimenta e seu marido sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

Conduziu as alianças o menino Mário Monteiro da Silva. Foram caudatárias as meninas Maria Fernanda Cuco Barbosa e Inês de Jesus Marques Machado. Quando os noivos saíam da igre-

ja, foram lançadas sobre eles muitas flores por grupos de meninas de S. Martinho do Campo e de S. Tomé de Negrelos.

Em seguida os noivos com suas famílias e elevado número de convidados, seguiram para o Sameiro (Braga), onde lhes foi servido um opíparo almoço.

Aos brindes falaram o pároco de S. Martinho do Campo, o tio do noivo, sr. Comendador Alberto Pimenta Machado; o padrinho da noiva, sr. Manuel Gomes de Moura, e o sr. dr. Francisco Queiroz Machado, médico em S. Martinho do Campo, exalçando todas as qualidades dos nubentes e felicitando suas famílias.

Durante o repasto foram recebidos muitos telegramas.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Sul. — C.

Pedido de casamento

O sr. Coronel António de Quadros Flores e sua esposa a sr.ª D. Idalina Carneiro de Quadros Flores, residentes em Jagueiros, Felgueiras, pediram em casamento, no dia 24 de Junho último e em Aveiro, na residência dos pais da noiva para seu filho, o distinto engenheiro eletrotécnico sr. António José Carneiro de Quadros Flores, a mão da sr.ª dr.ª Maria Ana de Castro Luzano Lopes, illustre professora do Liceu Nacional de Guimarães, filha da sr.ª D. Maria de Castro Luzano Lopes e do sr. Manuel António Lopes, devendo realizar-se em breve o auspicioso enlace.

Aos noivos, desejamos desde já as maiores venturas.

Baptizados

Foi baptizada, no dia 29, na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, uma filhinha do nosso prezado amigo sr. Eng. José Brandão Leite de Faria e da sr.ª D. Maria de F. C. Paúl, que recebeu o nome de Maria José. Foi padrinho o avó paterno sr. dr. Avelino Leite de Faria e madrinha a avó materna sr.ª D. Emilia Cabral Paúl.

Partidas e chegadas

Estiveram entre nós os nossos prezados amigos srs. Almiro Nogueira da Silva, de Castelo da Maia; José Gonçalves Mota, de Aveiro; dr. Alberto Pita da Costa, Juiz de Direito na Póvoa de Lanhoso; Rev. dr. Francisco de Melo, pároco em S. Pedro da Raimonda; José Barbosa de Oliveira, de Viana do Castelo, e Adrião Abílio Saraiva Martins, do Porto.

— De Lisboa regressou à sua Casa de S. Torcato o nosso prezado amigo sr. Manuel Ramos.

— Com sua família partiu para a Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Manuel da Silva.

— Com sua esposa regressou ontem de Mondariz o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Alfredo Faria Martins.

— Esteve entre nós, vindo de Africa, tendo seguido para Lisboa, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Alvaro Fernandes Lima.

— Encontra-se em Celdelas, a uso de águas, o nosso prezado amigo sr. Egídio Alvaro da Costa Pinheiro.

— Partiu para o Gerez a uso de águas a esposa do nosso bom amigo sr. João Carvalho Guimarães Júnior.

— Com sua família encontra-se a veranear na Figueira da Foz o nosso bom amigo sr. Joaquim Teixeira Duarte Bicho.

— Com sua esposa partiu para Celdelas, a uso de águas, o nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva Menezes.

— Com sua família partiu para Mondariz o nosso prezado amigo sr. Anbal Dias Pereira.

— Com seu filho sr. Mário Emilio Rodrigues de Almeida, regressou de Barcelona o nosso prezado amigo sr. Joaquim de Almeida Guimarães.

— Partiu para Fão a família do nosso prezado amigo sr. Domingos Mendes Fernandes.

— Regressou de Salamanca, à sua Casa de Lordeo, o ilustrado sacerdote rev. P.º Aurélio Fernando Martins Pereira, que tivemos o gosto de cumprimentar.

— Com sua esposa regressou de Celdelas o nosso bom amigo sr. Eduardo Lemos Mota.

— Regressou de França o nosso prezado amigo sr. João M. Rodrigues Martins da Costa (Aldão).

Doentes

Encontram-se melhor dos seus incômodos os nossos prezados amigos srs. Antero H. da Silva e Manoel de Oliveira Cosme.

— Tem estado doente, após o seu regresso de Melgaço, o nosso prezado amigo sr. José Jacinto Júnior.

— Tem passado doente o nosso querido amigo sr. Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

D. Amélia do Nascimento Queiroz Dias de Castro

Na sua residência à rua de S. Dámaso e confortada com todos os sacramentos da S. M. Igreja, finou-se serenamente, após cruciantes e prolongados sofrimentos, que soube suportar com edificante resignação e contando 52 anos, a sr.ª D. Amélia do Nascimento Queiroz Dias de Castro, filha da sr.ª D. Maria José Queiroz Dias de Castro e do nosso saudosos conterrâneo sr. José Dias de Castro; irmã das sr.ªs D. Maria Teresa, D. Maria Augusta, D. Maria da Natividade e D. Josefina Queiroz Dias de Castro e dos srs. Hercúlio Queiroz Dias de Castro e Patrício Queiroz Dias de Castro, e cunhada das sr.ªs D. Vicência Mira Queiroz e D. Elvira de Magalhães Queiroz e do sr. Francisco Ribeiro de Castro, e sobrinha da sr.ª D. Maria Joaquina Pinto Dias de Castro.

O seu funeral, que esteve muito concorrido, efectuou-se na 2.ª-feira, na igreja paroquial de S. Sebastião, sendo o cadáver removido em seguida e com numeroso acompanhamento, para o cemitério Municipal, onde ficou inhumado em jazigo de família.

Sobre a urna que encerrava os despojos da pranteada senhora, foram colocados ramos de flores com sentidas dedicatórias da família e a chave do caixão foi entregue ao sr. dr. Mário Dias de Castro, primo da extinta.

A' família dorida apresentamos sentidas condolências.

D. Rosa da Cunha

Confortada com todos os sacramentos da S. M. Igreja e na sua residência, em Moreira de Cônego, finou-se, com 81 anos e após cruciantes e prolongados sofrimentos, a sr.ª D. Rosa da Cunha, viúva do saudosos industrial sr. Manuel Ferreira de Oliveira Guimarães; mãe estremosa das sr.ªs D. Maria da Cunha, D. Isaura da Cunha Guimarães e D. Lucília da Cunha Pereira e dos srs. Armindo Ferreira Oliveira Guimarães, Domingos Ferreira Guimarães, Adelino Ferreira Guimarães, José Ferreira Guimarães, Isac Ferreira Guimarães e Guilherme Ferreira Guimarães, e sogra das sr.ªs D. Perpétua da Costa Ferreira Guimarães, D. Berta Bastos Guimarães, D. Maria Inês Pinto Guimarães, D. Rosa de Sousa Oliveira Guimarães e D. Alcina Correia Guimarães e dos srs. Joaquim Ferreira Guimarães e Manuel Francisco Pereira.

O funeral da bondosa senhora, que esteve concorridíssimo, nele se tendo incorporado o pessoal da Fábrica de Tecidos Moreirense Lid.ª, de que era sócia, efectuou-se na 5.ª-feira de manhã naquela freguesia, em cuja igreja paroquial se celebraram, amanhã, 2.ª-feira, os Offícios fúnebres do 7.º dia.

A toda a família dorida apresentamos sentidas condolências.

Dr. José Sebastião Cardoso de M. de Azevedo e Bourbon

No domingo, faleceu, na sua casa da Pontela, freguesia de S. Jorge de Selho, do concelho de Guimarães, após uma prolongada doença, o sr. dr. José Sebastião Cardoso de Menezes Pinheiro de Azevedo e Bourbon, natural da vila de Famalicão, e filho do saudosos publicista José de Azevedo e Menezes, da Casa do Vinhal, e moço-fidalgo da Casa Real.

O extinto que contava 80 anos de idade, foi advogado e deputado no tempo da Monarquia e era aparelhado com as mais fidalgas famílias do Norte do País, distinto de maneiras e lhano de trato.

Era viúvo da sr.ª D. Ercília Maria da Costa Falcão Corte Real; irmão da sr.ª D. Maria do Carmo

PARA UMA DOENTE

Encontra-se em Lisboa, a receber tratamento no Instituto de Oncologia, uma mulher de Guimarães, mãe de cinco filhos, todos eles de tenra idade.

O marido, humilde trabalhador, sem quaisquer recursos, a não ser o mísero salário, apela, por intermédio do nosso jornal, para os sentimentos de caridade dos seus conterrâneos, pois só o concurso de benemerência poderá evitar a interrupção do tratamento.

Aqui deixamos o apelo, na esperança de que ele encontrará eco no coração dos nossos leitores.

Transporte . . . 440\$00
Recebemos mais: De um generoso anónimo, do Brasil . . . 500\$00
A transportar . . . 940\$00
Os nossos agradecimentos em nome da contemplada.

Vande-se Sinca 500

Modelo 48, estado impecável, motor rectificado, bem calçado, com rádio, por um preço convidativo. 287
Tratar pelo telef. 4510.

Menezes e Cruz; cunhado da sr.ª condessa de Fijó, e pai dos srs. dr. Pedro Esteves, António Luís, Estevam Anes, Henrique Gonzaga, Duarte Maria e José Sebastião de Menezes, e sogro das sr.ªs D. Ana de S. José Soares de Albergaria, D. Maria Antónia Malheiro Ribas, D. Maria Emilia Mendes de Carvalho, D. Maria Helena Archer e D. Maria Emilia da Cunha Coutinho.

O seu funeral, que esteve largamente concorrido, efectuou-se na 3.ª-feira para jazigo de família, no cemitério de Famalicão.

A' família dorida as nossas condolências.

De luto

Pelo falecimento de uma sua cunhada, ocorrido no Porto, guarda luto o nosso prezado amigo sr. José Mendes Ribeiro Júnior, a quem apresentamos sentidas condolências.

Vida Católica

Imponente Procissão de S. Luís Gonzaga

No domingo passado e promovida pelos párocos de S. Paio e S. Sebastião, realizou-se a procissão de S. Luís Gonzaga, em que tomaram parte muitas crianças da comunhão solene, colégios, irmandades e cruzadas eucarísticas.

Foi um cortejo muito bonito e bem organizado que percorreu algumas ruas da cidade, merecendo os louvores de toda a gente que presenciou o seu desfile.

Presidiu ao préstito o rev. Arcipreste e abrilhantou-o a Banda da Sociedade Filarmónica.

No mesmo dia, de manhã, e nos tempos das duas freguesias, efectuou-se a comvente cerimonia da comunhão solene de muitas centenas de crianças.

Nossa Senhora do Carmo

No dia 7, pelas 19 horas, na igreja da V. O. T. do Carmo, principia a novena que precede a festividade à Padroeira, no dia 16 do corrente.

Diversas Notícias

Queda desastrosa de que resultou a morte de uma mulher

No lugar da Muda, freguesia de Selho S. Cristóvão, deste concelho, Rosa Pinheiro, casada, de 24 anos, operária fabril, foi a casa de sua mãe Emilia Pinheiro de Faria, casada, de 45 anos, residente naquele lugar, tirar satisfações por causa do pagamento de uma cama que a última tinha comprado. A discussão tomou tais proporções que tiveram em resultado a Rosa agredir sua mãe e um irmão, mas como a contenda se desenrolasse no cimo de umas escadas de pedra, a agressora, desequilibrando-se, caiu nas mesmas, vindo a falecer cerca das 14 horas do dia seguinte. A G. N. R. do posto de Guimarães tomou conta da ocorrência participando o facto para Juízo.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao Largo do Tournal, Telef. 40184.

Ora a isenção da jugada era dos mais apetecidos e tentadores privilégios que seduziam o cultivador — melhor, diria, por enganoso muitas vezes (se bem, lá isso, o que se dava com quase todos os mais), a ingénua boa fé do cultivador. Em paciente e estudioso trabalho codificou o Bacharel Porfírio Hermetério Homem de Carvalho as Primeiras Linhas do Direito Agrário (Lisboa, Impressão Régia, 1815) e nelas consagra um capítulo (o I da Secção Terceira) do que denomina — Dos privilégios concedidos aos lavradores —: «Os lavradores das igrejas gozam dos privilégios delas: os lavradores dos Fidalgos são escusos de pagarem peltas, fintas, talhas, pedidos, serviços, empréstimo, ou outros alguns encargos: os lavradores dos Desembagadores não pagam jugada de pão, vinho, e linho das suas herdades que lavram: lavradores que tomam herdades de melas, terço ou quarto por dez anos, e morrerem, passa o contrato ao herdeiro: lavradores de aldeias demarcadas

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

«A história do povo é a história das Instituições municipais»
Gama Barros.

A' Ex.ª Câmara Municipal
75) Of. EDUARDO DE ALMEIDA.
II
de Igrejas, ou pessoas privilegiadas, não pagam jugada: podem encampar, quando se perdem os frutos por caso, que não fosse acostumado de vir: os lavradores que lavram nos reguengos do Rabaçal e Ancião, que pagam uma dízima a El-Rei, e outra ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, não pagam jugada, assim como aqueles que lavram em

reguengos, que são encarregados de maiores tributos do que a jugada, como é o terço, quarto e quinto.» Em nota, aponta os respectivos títulos dos livros das Ordenações; além dos aí citados e até propriamente daquele relativo às jugadas, outros interessam à matéria dos privilégios, como, no Livro II, o 4.º, 14, 21, 25, 29, 32, 35, 39 e 40, todos com importantes disposições sobre a imunidade dos que se coumam nas igrejas; dos privilégios dos lavradores e caseiros das igrejas e mosteiros; de como se adquire (tomar a modo) o privilégio concedido aos vizinhos; das liberdades e privilégios dos rendeiros, ou seja dos cobradores ou arrematantes das rendas; sobre as novas herdades dadas pelo Rei, que não gozavam dos privilégios dos reguengos; dos lavradores, mordomos e criados dos fidalgos e vassalos na escusa dos encargos do concelho; para que nem fidalgos nem prelados fizessem novamente honras e coutos em seus herdamentos.

DESPORTO

Obra quase perdida...

Para pôr em ordem o calendário do Campeonato Regional de Oquei em Patins, realizou-se uma noite destas um jogo no ringue da Amorosa. O público acorreu em número elevado e, cremos, que mais lá iria se o festival conjuntamente tivesse outros atractivos.

Provou-se assim que, em Guimarães, o interesse pelo Desporto está bem vinculado. O fundamental é que se trabalhe, se faça propaganda, enfim, se lembre ao público de que há qualquer coisa para ver. O resto, a compensação vem sempre. Vivemos numa terra boa, sempre com as boas iniciativas.

Por tudo isto parece-nos que tem sido uma obra quase perdida a construção e a electrificação do ringue da Amorosa. Dispensou-se ali uma quantia elevada e contam-se pelos dedos as ocasiões do seu aproveitamento. Sobram ainda dedos duma só mão.

Tudo isto causa pena e é, mais ainda, um desperdício injustificado. O ponto morto em que cai o Desporto em Guimarães durante os meses do defeso do futebol não se justifica e é bastante prejudicial ao nosso primeiro Clube. Hoje pratica-se, no Vitória, Tênis de Mesa e Ginástica Aplicada. Facilmente se pode constituir também uma equipa de Volei e ainda com o Oquei em Patins quantas coisas interessantes não se poderiam levar a efeito. Não falando já em festivais recreativos que estão fora do âmbito desta secção.

Os associados do Vitória não esqueceriam assim tanto o seu Clube e não se perdia também uma obra que tanto dinheiro e canseiras custou.

UM DE NÓS.

CASA ESTRELA SAPATARIA

Rua de S. Dâmaso, 121-123
Junto à Marisqueira) 185

Consertos e limpezas de calçado
Calçado novo e por medida

Mande consertar calçado nesta Casa.

TUBOS GALVANIZADOS!...

Unicos importadores no Concelho: 170

A Competidora de Representações, L.^{da}

Só importamos tubos de parede normal, porque:

Tem mais parede, mais duração e suportam o dobro da pressão.

R. da Rainha n.º 115 — Tel. 4523
GUIMARÃES

Anuncio no NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

Sociedade Protectora dos Animais

Tendo chegado ao conhecimento desta Sociedade que nos últimos dias têm sido mortos com veneno, em plena cidade, alguns animais de raça canina, torna-se público que serão tomadas as mais enérgicas providências contra o autor ou autores desse crime repugnante, seja qual for a sua situação social. Espera-se, pois, que não volte a ser presenciado tão bárbaro espectáculo.

A Direcção.

Depois de um estágio de aperfeiçoamento no INSTITUT HERNIARE DE LYON o Aplicador técnico retoma as suas visitas

hérnia

Tendo trabalhado em companhia de M. KLEBER, o grande especialista e Director Geral do célebre INSTITUT, teve ocasião de enriquecer os seus conhecimentos técnicos e examinar os casos mais difíceis de hérnias e ptoses.

Assim, poderá, nas melhores condições, fazer-vos aproveitar dos mais recentes aperfeiçoamentos introduzidos no moderno método

MYOPLASTIC-KLEBER

Sem mola nem pelota, que reforça a parede abdominal e mantém os órgãos no seu lugar, em todos os casos, sem qualquer incómodo.

Ide visitá-lo, e podereis fazer um ensaio gratuito:

GUIMARÃES — Farmácia Hórus — Largo do Toural — Dia 9 de Julho.

BRAGA — Farmácia Roma — Rua dos Chãos, 111 — Dia 8 de Julho.

AMARANTE — Farmácia Costa — Dia 10 de Julho.

PORTO — Farmácia Sousa Soares, L.da — Rua de Santa Catarina, 141 — Dias 5, 6 e 7 de Julho e todas as primeiras 2.^a, 3.^a e 4.^a feiras de cada mês.

Câmara Municipal de Guimarães EDITAL

Doutor Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães

Faz Público que, em cumprimento da deliberação tomada pela Câmara Municipal deste concelho, em sua reunião ordinária de 26 de Maio findo; se procederá à venda, em hasta pública, no dia 21 de Julho p. f., pelas 15 horas, na Sala das Sessões desta Câmara, dum lote de terreno com a superfície de 201,0 m², situado no topo Norte da Avenida Engenheiro Duarte Pacheco (gavetos das ruas Dr. Joaquim de Meira e Capitão Alfredo Guimarães), desta cidade, cuja base de licitação é a seguinte:

Base de licitação 9.045\$00

Mais faz público que este lote de terreno será adjudicado ao concorrente que maior lance oferecer, reservando-se a Câmara o direito de não promover a adjudicação caso isso lhe venha a convir.

As condições para a venda deste lote de terreno encontram-se na Repartição de Obras da Câmara, todos os dias úteis, durante as horas regulamentares.

É para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Guimarães, 30 de Junho de 1954.

O Presidente da Câmara Municipal, 293
Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

MONTAGENS ELÉCTRICAS
PROJECTOS
ALTA e BAIXA TENSÃO
J. MONTENEGRO
Largo 28 de Maio, 78-1.^o — Tel. 4510
GUIMARÃES 294

Belmiro dos Santos Martins

AGRADECIMENTO

A família do saudoso extinto procurou já manifestar a sua gratidão a todas as pessoas que quiseram compartilhar do seu desgosto e a honraram com a assistência ao funeral e aos actos de sufrágio celebrados por sua alma. Mas reaceando que alguma falta haja cometido, por insuficiência de endereços, vem por este meio repará-la, testemunhando o seu indelével reconhecimento a todas as pessoas e corporações que a distinguiram com tamanhas provas de amizade.

Ao mesmo tempo participa que amanhã, 2.^a feira, dia 5, será rezada no templo da Misericórdia a missa do 30.^o dia por alma do seu querido morto e agradece a todas as pessoas que se dignem assistir ao piedoso acto.

Guimarães, 5 de Julho de 1954.

A Família.

Notícias de Guimarães n.º 1173 -- 4-7-1954

COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.^a publicação

Pela 1.^a secção do 2.^o Juízo de Direito desta comarca de Guimarães correm éditos de 20 dias, a contar da segunda publicação deste anúncio num dos jornais desta cidade, citando os credores desconhecidos dos executados Tomaz Ribeiro e mulher Camila da Silva, ele operário e ela doméstica, moradores no lugar da Mógada, freguesia de Ronfe, para no prazo de 10 dias depois de findo o dos éditos

Ofertas e Procuras

Vende-se Fábrica de Tecidos mecânica com 25 Teares de diversas medidas, máquinas acessórios, tinturaria e Alvará. Tratar na Agência GOMES ALVES — Largo do Toural — Guimarães. 295

VENDE-SE Na Póvoa de Varzim, prédio devolutu com 3 frentes e garagem, Rua Santos Minho, 14 e Rua Luís de Camões, 17, com todos os requisitos modernos, próprios para dois inquilinos, com entradas independentes. Falar, Rua José Malgueira, 27. 290

CASA COM QUINTAL Aluga-se na liberdade, tendo bastantes divisões, quarto de banho e água própria. Prestam-se esclarecimentos na redacção. 296

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.^{ia}, L.^{da}

R. Cândido dos Reis, 74-2.^o

TELEF. (Est. 17) (Comp. 21 404) PORTO

Campeonato Regional de Oquei em Patins

No sentido de completar a 1.^a volta do Campeonato Minhoto de Oquei em Patins, marcou a Associação Regional vários jogos em atraso, dos quais se realizaram os seguintes, com estes resultados: Vitória, 3 — Taipas, 4; Vitória, 4 — Académico, 4; Taipas, 11 — Gil Vicente, 1.

Ficaram, assim, ainda em atraso, os jogos Famalicense-Académico, a respeito do qual se anda a proceder a um inquérito e o C. de Barcelos-Gil Vicente, que não se chegou a realizar por um motivo que, no momento em que escrevemos, não podemos bem esclarecer, mas que nos parece prender-se com questões locais.

Assim, a classificação final da 1.^a volta ainda não está totalmente definida, o que vem prejudicar a boa regularidade do torneio. E' pena, pois o oquei em patins vai pouco a pouco firmando popularidade e, como aproveita a defeso do futebol, pode em breve encher com interesse o tempo vago que o desporto minhoto sofre durante esse período. Para isso é fundamental boa regularidade nas competições e, além disso, ordem, bom conhecimento das leis que regem a modalidade, para que ela se firme definitivamente. Ainda na última terça-feira a confusão que existiu no ringue da Amorosa, por causa da entrada do sexto jogador do Académico, foi proveniente da pouca firmeza daquelas que têm a responsabilidade de dirigir.

O Vitória nestes dois últimos encontros pode-se dizer que não teve o factor sorte por seu lado. Sendo uma equipa ainda em formação, embora em progresso evidente, precisa da ajuda da fortuna, que em qualquer modalidade tem influência capital. Mesmo assim, contra o Taipas, depois de estar a perder por 4-0, recuperou a desvantagem e ficou na diferença mínima. Contra os estudantes de Braga, tendo sempre o comando na marcha do marcador, consentiu nos minutos finais a igualdade, que, pelo desenrolar do jogo, não merecia. Continuamos a afirmar que o progresso dos vimezanenses é evidente. Não lhe queremos fazer referências individuais, pois entendemos que da unidade da equipa é que virá a verdadeira capacidade futura, embora Terroso se destaque para já entre todos. Se continuar a treinar com dedicação, temos a certeza que em breve o seu mérito se evidenciará e o Vitória há-de ter verdadeiro orgulho na sua representação nesta modalidade.

A classificação actual é como se segue:

Vianense, 20 p. (43-8); Taipas, 17 p. (33-23); Académico, 16 p. (34-9); Vitória, 14 p. (27-21); Tebe, 13 p. (26-25); Famalicense, 10 p. (15-22); O. Barcelos, 8 p. (17-30); Gil Vicente, 6 p. (4-52).

Grupo B. Politécnico do Pevidém

Em Assembleia Geral realizada ultimamente, ficaram assim constituídos os novos corpos gerentes deste grupo regional:

Direcção — Presidente, Carlos da Silva Machado; secretário, José Joaquim Correia Gonçalves; tesoureiro, Manuel Mendes; vogais: José da Silva e Manuel da Silva.

Assembleia Geral — Presidente, António Ribeiro de Abreu; 1.^o secretário, João de Sá Ferreira; 2.^o secretário, Joaquim Correia Sousa Azeias.

Conselho Fiscal — Presidente, António Varela Lemos Almeida; secretário, José Joaquim Ribeiro de Abreu; relator, Fernando José Ribeiro de Abreu.

Columbófilia

S. C. DE GUIMARÃES



O magnífico pomal do Ex.^{mo} Sr. Martinho Almada Azenha

Esta sociedade juntamente com outras suas congéneres e com a colaboração da Federação Portuguesa de Columbófilia, procederam, no passado domingo, dia 13, a uma solta de pombos da cidade de Sória (Espanha), cuja distância é de 510 quilómetros em linha recta a esta cidade.

Foi mais um concurso internacional que decorreu óptimamente, tendo-se verificado no mesmo dia

a chegada quase total dos pombos enviados.

Não queremos deixar de mencionar mais um êxito obtido pelo considerado columbófilo vimezanense sr. Martinho Almada Azenha, que neste concurso conseguiu tirar o 1.^o, 2.^o e 3.^o prémios, pelo que é digno de felicitações, quer pelos magníficos pombos que possui, quer pelas suas qualidades de grande columbófilo.

Ministério da Economia
Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes
R. da Restauração, 318-PORTO

SEGUNDO AVISO

Chama-se a atenção dos Srs. Viticultores da Região dos Vinhos Verdes para a necessidade de, até ao próximo dia 30 do corrente, conforme já foi tornado público, darem conhecimento nos Grémios da Lavoura das existências de vinho em adega, quer o mesmo seja destinado à venda quer a consumo particular.

A Comissão Executiva.

BRIQUETES PEJÃO
INDÚSTRIA-AQUECIMENTO
— COZINHA —
A Competidora de Representações, L.^{da}
R. da Rainha n.º 115 — Tel. 4523
GUIMARÃES 171

Para Pintar paredes use MURÁGUA
uma tinta que se prepara em 10 minutos e seca em 10 horas e dura anos
Agente: Domingos Cosmo Baptista Vieira
Depositários: João Barão & C.^{ia}, L.^{da}
GUIMARÃES
MÁRIO COSTA & C.^{ia}, L.^{da}
PORTO LISBOA

Câmara Municipal de Guimarães ANÚNCIO

FAZ-SE PÚBLICO que no dia 21 de Julho de 1954 pelas 15 horas na Sala das Sessões da Câmara Municipal perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de Ampliação do Pontão sobre o Rio Pele da freguesia de Leitões. Base de licitação 29.000\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas Filiais ou Delegações o depósito provisório de 700\$00 (setecentos escudos), mediante guia passada pela Secretaria da Câmara Municipal em qualquer dia útil, durante as horas de expediente até às 12 horas do dia do concurso.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Repartição de Obras da Câmara Municipal de Guimarães e na Direcção de Urbanização do Distrito de Braga.

Guimarães, 29 de Junho de 1954.

O Presidente da Câmara Municipal, 294
Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

Anuncio no Notícias de Guimarães